

São Paulo, 17 de novembro de 1992

Ilmo. Sr. Marcos Emilio Gomes
Redator da Seção BRASIL de VEJA

Prezado Senhor:

Fui citado como "agente infiltrado" durante os negros anos da ditadura, por um ex-membro do DOI-CODI em São Paulo e do Centro de Informações do Exército, em Brasília, em entrevista publicada na Edição de 18 de novembro da Revista VEJA. Por tratar-se de uma CALUNIA, e não tendo sido procurado para conferir a veracidade de tal informação que esta revista albergou, sinto-me na obrigação, como cidadão e com direito de resposta, solicitar V. atenção para as seguintes considerações:

1) Fui militante de esquerda, participando do movimento estudantil em Belém (PA), como secundarista e universitário, antes e após a instalação da ditadura em março/abril de 1964. Neste período fui co-fundador e depois presidente do Grêmio Estudantil do Colégio do Carmo, membro da direção do Diretório da Faculdade de Medicina e presidente da União Acadêmica Paraense (a UEE do meu Estado).

2) Formei-me médico pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Pará, no dia 11 de dezembro de 1968, dois dias antes do AI-5. Ameaçado de prisão e militante da Ação Popular, fui forçado à clandestinidade, refugiando-me e trabalhando como camponês, do início de 1969 a meados de 1970, na região do Araguaia. Ainda em 1970, mudei-me para o nordeste, tendo morado em Olinda/Recife, onde com a identidade de Augusto Corrêa, realizei trabalhos junto a intelectuais da região e camponeses da Zona da Mata Canavieira de Pernambuco. Trabalhei como "mídia" em agência de propaganda do Recife e depois em artesanato de couro, tirando daí o básico para sustento de minha família.

3) Com o conjunto da Ação Popular na região, ingressei no Partido Comunista do Brasil em 1973, entusiasmado com a guerrilha do Araguaia, indo morar na cidade de Juazeiro do Norte (CE), com objetivos de formação de uma área de apoio na região do Pindaré no Maranhão, abortada pela prisão da maioria dos militantes envolvidos neste trabalho, em 1974.

4) Fui preso, juntamente com minha esposa, Maria Margarida e meu filho mais velho, Raul, na época com 3 anos de idade, em Terezina (PI) no dia 22 de abril de 1974. Logo após minha prisão fui ameaçado de presenciar meu filho e minha esposa sendo torturados. Mais tarde, já nas dependências do DOI-CODI, na sede do IV Exército, em Recife, fui torturado com choques elétricos nas orelhas, bolsa escrotal e outras partes sensíveis do meu corpo, provocando tremores que feriam os lábios e a língua com sangramentos profusos. Fui colocado em "pau de arara", desmaiei várias vezes com pancadas na cabeça de cano plástico e "afogamentos". Aí presenciei minha esposa sendo torturada.

5) Tudo isto, segundo meus algozes, fazia parte de "técnicas para obter informações", provocando dor, sem me matar, causando confusões de idéias e destruindo minha força de vontade. Guardo como lembrança, além de problemas psico-emocionais, muitos dos quais já superei, cicatrizes nos pulsos, sequelas de fraturas costais por chutes e outras bordoadas.

6) Sucumbir e revelar parte do que sabia sob tais circunstâncias, e inclusive, ser responsabilizado por algumas prisões, ainda que tenham me perturbado por algum tempo, hoje, tenho consciência, ter sido esta uma atitude absolutamente humana. Daí, a ser considerado agente infiltrado, tem uma distância muito grande.

7) Infiltrado onde? Se após minha libertação em dezembro de 1974, afastei-me por muitos anos de quaisquer militância política ou filiação partidária. Temeroso por minha segurança pessoal e de minha família, dediquei-me neste período, como também o fez minha esposa, à reconstruir, na legalidade, minha profissão "castrada" precocemente, por uma ditadura que tolhia o desenvolvimento técnico e intelectual.

8) Nunca reneguei meu passado e sinto orgulho de ter sido um combatente na luta contra a ditadura e pelas liberdades democráticas no país.

9) Vim para São Paulo no início de 1975, onde, com muito esforço, retomei minha profissão e a vida legal. Estagiei na Escola Paulista de Medicina e hoje sou médico do Instituto Clemente Ferreira e do Hospital do Servidor Público Estadual "Francisco Moratto de Oliveira", ambos da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, onde fui admitido por concurso público em 1976 e 1979, respectivamente. Fui diretor do Hospital do Mandaqui e membro do Grupo Especial de Controle da Tuberculose no Estado. Fui também Diretor do Departamento de Doenças Respiratórias da Associação Paulista de Medicina, eleito pelos meus colegas de especialidade em 1986. Atualmente faço doutorado na Disciplina de Pneumologia da Escola Paulista de Medicina.

10) Retomei as atividades políticas como cidadão e sem nenhuma filiação partidária, na campanha de Fernando Henrique para a prefeitura de São Paulo e principalmente na Campanha das Diretas e pela eleição de Tancredo.

11) Muito me orgulha também, o que desenvolvo atualmente: como médico, dedicado a luta contra a Tuberculose e outras doenças respiratórias, e, como filiado ao PSDB (à partir de 1988), ao aprimoramento da democracia no país. Quem me conhece sabe com que entusiasmo me dedico a estas tarefas.

12) Não sou nenhum herói, mas nunca fui um "cachorro", como diz o Sr. Marival Dias Chaves do Canto, apenas um brasileiro que viveu intensamente, que passou por experiências ricas, penosas e dramáticas, uma pessoa humana.



Fernando Augusto Fiuza de Melo
Médico ~~Tíbio~~-pneumologista
RG.10 342 825 CRM.22 850 (SP)

Consultório: Rua Abílio Soares, 233 cj.32
Fone: 889 8569 - 889 8115
Paraíso - São Paulo.